

A PESQUISA NA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Paulo Sérgio Lopes GONÇALVES

Este texto tem por objetivo explicitar o desenvolvimento da pesquisa – sua pertinência, sua relevância, suas possibilidades de realização, seu percurso teórico-prático – na Universidade Católica, uma instituição que garante a presença cristã no interior do ambiente universitário.

A especulação sempre foi parte integrante de uma Universidade, constituindo-se como parte de seu espírito acadêmico. A pesquisa é o resultado da contemplação do ser humano à realidade histórica que o cerca e à possibilidade de transcendê-la. O desenvolvimento do ensino e da extensão do saber acadêmico não deve ser concebido de maneira estática. Ensino e extensão do saber possuem um profundo dinamismo que leva os diferentes corpos envolvidos à especulação intrínseca ao espírito pretendente à sabedoria. Além disso, os clamores da sociedade impelem a Universidade à pesquisa, a fim de que as necessidades sejam atendidas.

Por se tratar de Universidade Católica, a pesquisa – em sua condição de objeto formal – será vista prioritariamente a partir dos documentos do Magistério Eclesiástico¹, os quais partem da Revelação

⁽¹⁾ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, AAS 57 (1965), pp. 5-67; ID., Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo *Gaudium et Spes*, AAS 58 (1966), pp. 1025-1115; ID., Declaração sobre as religiões não cristãs *nostra Aetate*, AAS 58 (1966), pp. 740-744; ID., Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, AAS 57 (1965), pp. 90-107; CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Dominus Iesus. Dichiarazione circa l'unicità di Gesù Cristo e della Chiesa*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2000; ID., Instrução sobre a liberdade cristã *Libertatis conscientia*, AAS 79 (1987), pp. 554-599; EPISCOPADO LATINOAMERICANO, Conferencias Generales: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo, *San Pablo*,

para demonstrar a relevância dessa Universidade na vida da Igreja. Essas fontes utilizam as categorias *verdade suprema* e *história* para a explicitação do caminho que levará a pesquisa à Sabedoria.

Para a realização de seu objetivo, o texto define Universidade e pesquisa, explicitando conceitualmente um e outro e o relacionamento conseqüente entre ambas. Seguindo o método teológico consagrado durante o Concílio Vaticano II e confiando na veracidade da história, são apresentadas as interpelações da realidade nas dimensões da cultura, da ordem político-econômica, da antropologia social e da ecologia. São enunciados também os pressupostos para a realização da pesquisa na Universidade Católica, concretizando a mediação hermenêutica, intrínseca ao método teológico e necessária para a compreensão do tema em questão. Ao final, são abordadas algumas pistas práticas nos âmbitos das ciências da vida, das tecnologias, das ciências sociais e política, da antropologia e da história, e do pluralismo religioso. Não se pretende esgotar as possibilidades da prática da pesquisa.

A pesquisa na Universidade Católica não pode ser abordada sem o horizonte utópico que reflete a emergência do homem novo, solidário, construtor de relações fraternas, de sociedades justas, da contribuição dos seres humanos na construção da harmonia cósmica, denotante de toda irmandade universal dos seres e sua profunda

Continuação nota 1

Santiago del Chile 1993; JOÃO PAULO II, Carta encíclica sobre o Centenário da *Rerum Novarum*, *Centesimus annus*, AAS 83 (1991), pp. 793-867; ID., Carta encíclica sobre a relação entre fé e razão *Fides et ratio*, EE 8 (1998), nn. 2375-2600; ID., Carta Encíclica a sobre Jesus Cristo, redentor do homem *Redemptor hominis*, AAS 71 (1979), pp. 257-324; ID., Carta encíclica sobre a questão social *Sollicitudo rei socialis*, AAS 80 (1988), pp. 513-586; ID., Carta encíclica sobre questões fundamentais de moral *Veritatis splendor*, AAS 85 (1993), pp. 1133-1228; ID., Carta encíclica sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana *Evangelium Vitae*, AAS 87 (1995), pp. 401-522; ID., Constituição apostólica sobre as Universidades Católicas *Ex corde ecclesiae*, AAS 82 (1990), pp. 1475-1509; PAULO VI, Exortação apostólica sobre a evangelização *Evangelii nuntiandi*, AAS 68 (1976), pp. 5-76; ID., Carta encíclica sobre o desenvolvimento dos povos *Populorum Progressio*, AAS 59 (1967), pp. 257-299; ID., Carta encíclica sobre a vida humana *Humanae Vitae*, AAS 60 (1968), pp. 481-503; PIO IX, Carta encíclica sobre os graves erros modernos *Quanta cura*, AAS 3 (1886-67), pp. 160-167.

comunhão com o Transcendente Absoluto chamado Deus. Essa utopia é o elemento motivador para que o desenvolvimento dos programas de pesquisa ajude a Universidade Católica a cumprir fielmente a sua missão e colaborar na construção tópica da civilização do amor e da paz.

1. UNIVERSIDADE CATÓLICA E PESQUISA

A Universidade deve ser compreendida como comunidade acadêmica que, em modo rigoroso, sistemático e crítico, contribui para a tutela e o desenvolvimento da dignidade humana e da herança cultural através da pesquisa, do ensino e dos diversos serviços oferecidos às comunidades locais, nacionais e internacionais². Essa definição se desdobra em três grandes espaços que identificam a Universidade.

Em primeiro lugar, refere-se ao espaço da pesquisa e de incremento do saber humano, de sua leitura crítica, de sua capacidade de analisar, tratar, interpretar e avaliar uma determinada discussão, um tema ou um assunto. Há um espírito de inquietação e de busca da verdade do conhecimento que não se esgota em seus resultados, mas se estende ao nível de sua transcendentalidade.

Em segundo lugar, o saber da pesquisa há de ter sentido existencial vital. Isso se torna possível à medida que esse saber se relaciona com a vida compreendida em sua globalidade histórica e cósmica, imbuída de características com potencial atingível à realização humana. A Universidade é, então, um espaço de articulação do saber com a vida, em seu nível individual e social, local, regional e universal. O saber pesquisado haverá de estar comprometido com o ser do homem em sua individualidade corporal, espiritual, profunda, misteriosa. Comprometer-se-á ainda com o modo como os seres humanos se organizam em sociedade, buscando contribuir na instauração dos valores éticos fundantes da existência de estruturas sociais objetivamente justas. Esse compromisso possui uma totalidade geopolítica que abarca tanto a particularidade quanto a universalidade desse espaço.

⁽²⁾ ExcE n. 12.

Em terceiro lugar, a Universidade é um espaço de transmissão orgânica e pedagógica do saber e do enriquecimento do patrimônio cultural humano. Ela proporciona o ensino e isso historicamente significou construir uma variedade metodológica que contribuiu para a compreensão de um processo de ensino-aprendizagem, cujo conteúdo estende-se aos corpos Docente e Discente. O saber transmitido é fruto de um processo dialético, no qual os corpos envolvidos se abrem um ao outro, denotando uma atitude amorosa em relação à verdade suprema a que almejam os seres humanos. Por isso, a cultura³ da humanidade, em seus níveis local e universal, fica enriquecida em patrimônio cognitivo e sapiencial⁴.

Uma vez compreendido o sentido de Universidade, deve-se perguntar: O que significa então Universidade Católica? Que outros adjetivos e outras características pretende-se acrescentar com o termo “católica”?⁵

A Universidade católica garante, de forma institucional, uma presença cristã no mundo universitário diante das grandes questões da sociedade e da cultura⁶. Ela apresenta dois grandes referenciais: o antropológico e o teológico. O primeiro possibilita uma visão de ser humano em sua imanência e em seu limite ontológico, psicológico, ético-moral, teleológico e em sua transcendência relacionada a si mesmo e ao Outro por excelência. Dessa forma, o ser humano é visto em sua historicidade, realidade, concretude e em sua possibilidade de transcender, de transparecer-se nos níveis de relacionalidade pessoal individual e de relacionalidade pessoal alterativa. O segundo diz respeito à transcendência intrínseca do ser humano em sua consciência vivida na fé e aberta ao dom de um Transcendente pessoal absoluto que se

(3) Por cultura entende-se a totalidade dos produtos humanos, que abarca valores, costumes, tradições e dá sentido a um ser humano, a um grupo, a uma nação, a um povo.

(4) GS n. 53

(5) Inácio de Antioquia em sua carta ao povo de Esmirna, foi o primeiro a dar a denominação “católica” à Igreja cristã. Sua intenção era explicitar a vocação soteriológica da Igreja: reunir todo o gênero humano. Confira SIMONETTI, M. – PRINZIVALLI, E., *Letteratura Cristiana Antica (I). Dalle origini al terzo secolo*, Casale Monferrato, PIEMME, 1996, pp. 81-89.

(6) ExcE n. 13; MED n. 4, 23

dá e se manifesta à humanidade, em um dinamismo gratuito de revelação e de libertação integral em Cristo⁷. Esse referencial visualiza a dimensão antropoteológica do ser humano, explicitando a essencial relação entre o humano e o divino, entre o ser imanente-transcendente e o ser transcendente-imanente, resultando em uma profunda relação de transcendência.

Em sua maneira de apresentar-se no e ao mundo, a Universidade Católica vê o saber referenciado à totalidade da vida humana, no âmbito do indivíduo-pessoa, no plano da cultura, da sociedade, da comunidade, do diálogo científico e na abertura à inter-relação e comunhão com aquilo e com Aquele que o transcende. Isso significa que a pesquisa emerge como investigação metódica e rigorosa que proporciona a constante busca da verdade, compreendida ontologicamente em sua supremacia, experimentada tão somente no tempo e no espaço, nos quais estão situados os seres humanos⁸.

A pesquisa na Universidade católica está constituída de quatro dimensões imprescindíveis e fundamentais⁹.

A primeira é a integração dos mais diferentes conhecimentos. Todo conhecimento emerge da relação entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível. Trata-se de um processo dialético conflitivo e interativo, cujo conhecimento não é mecanicismo do sujeito em relação ao objeto e nem reflexo do sujeito no objeto. Ele é resultado da manifestação, da abertura, da reciprocidade de ambos os elementos. No entanto, o conhecimento abarca a dialética da fragmentação e da totalidade, denotando a peculiaridade de cada tipo de conhecimento e sua relação implicativa com os outros tipos. Todo conhecimento possui sua especificidade e sua universalidade nos níveis de forma e de conteúdo. Não existe um conhecimento puro, mas integrado e constituído de uma totalidade epistêmica.

(7) ExcE n. 5; LC n. 43

(8) FR n. 19. A afirmação da verdade suprema não subestima a historicidade – que implica temporalidade e espacialidade – da verdade. Trata-se de compreender que a verdade jamais se esgota na história e sua constituição ontológica é experimentada na abertura do ser humano ao espírito de inquietação que o leva à pesquisa, à investigação e à especulação.

(9) ExcE n. 15; MED 4, 21

A segunda dimensão diz respeito à relação dialógica entre fé e razão. Uma das grandes polêmicas da era moderna e da emergência da Modernidade foi a efervescência da apologética da teologia católica que refutou a razão moderna. Por quatro séculos, a racionalidade da fé – especialmente na teologia católica – defendeu-se das especulações do racionalismo filosófico moderno, nas suas diferentes vertentes, como o naturalismo e o panteísmo¹⁰. A partir do Concílio Vaticano I – cuja constituição dogmática *Dei Filius* sobre a Revelação Cristã¹¹ abordou o tema da relação entre fé e razão, assumindo uma postura mais dialogável que a anterior – a teologia católica passou a investigar de maneira especulativa, abrindo-se às novas descobertas históricas e científicas, com um espírito de diálogo profundo com o mundo moderno¹². Indubitavelmente, a razão científica, no interior da

⁽¹⁰⁾ SyL.. 1, 2-6.

⁽¹¹⁾ COD 804-811

⁽¹²⁾ R. GIBELLINI, *La Teologia del XX secolo*, Brescia, Queriniana, 1990; R. FISICHELLA, *Introduzione alla Teologia Fondamentale*, Casale Monferrato, PIEMME, 1992; ID, *La rivelazione: evento e credibilità*, Bologna, Dehoniane, 1994; G. MARTINA, *La Chiesa nell'età del Liberalismo*, Brescia, Morcelliana, 1991; ID, *La Chiesa nell'età del Totalitarismo*, Brescia, Morcelliana, 1991; G. LAFONT, *História teológica da Igreja católica*, São Paulo, Paulinas, 2000; G. BOF, *Teologia católica*, São Paulo, Paulus, 1996; R. OLSON, *História da teologia cristã. Dois mil anos de tradição e reformas*, São Paulo, Vida, 2001; R. OLIVEROS, "Historia de la teología de la liberación", *MysL I*, pp. 17-50. A pretensão do Papa Pio IX ao convocar o Concílio Vaticano I era consolidar a apologética eclesiástica frente ao mundo moderno. No entanto, o desenvolvimento do Concílio, em suas diversas comissões e em seus mais de cinquenta esquemas, proporcionou que não houvesse um total refuto à Modernidade. Isso se confirma na Constituição Dogmática *Dei Filius* ao articular a fé com a razão, ressaltando a relevância dessa relação e ao proclamar o dogma da infalibilidade papal, através da Constituição dogmática *Pastor Aeternus* somente *ex cathedra* e não de maneira absoluta na figura individual do Papa como pretendia o Pontífice da época. Assim, o Papa é infalível somente quando fala na condição de Mestre e Doutor de todos os cristãos em matéria de fé e de costumes. Devido à guerra franco-prussiana e à iminente invasão de Garibaldi no Palácio Papal, o *Quirinale*, o Concílio foi suspenso e não terminado. Após a morte de Pio IX e com a ascensão de Leão XIII, especialmente em sua carta encíclica *Aeterni Patris* de 04/08/1879, iniciou-se um processo de aproximação da teologia católica à Modernidade. Apesar da crise modernista em todo o período do pontificado de Pio X (1903-1914), em que houve novamente uma forte refutação da Modernidade por parte do Magistério eclesiástico, foi o século XX um marco histórico em termos de diálogo da Igreja com a Modernidade. O diálogo passou a ter maior intensidade na década de vinte, com o Papa Pio XI, tendo seu rumo continuado

Universidade não há de desprezar a fé, mas servir-se da luz daquela. A razão dará inteligibilidade à fé, que, por sua vez, dará àquela a iluminação necessária para que cumpra autenticamente a sua função¹³.

A terceira dimensão refere-se à preocupação ética no ato mesmo da pesquisa. A ética é *norma normans* que regulamenta o comportamento moral dos seres humanos. Toda pesquisa deverá ter uma preocupação ética em relação ao conhecimento específico e em relação à sua totalidade universal que diz respeito à defesa, preservação e promoção da vida. A ética é imbuída de objetividade ontológica e não se prende aos particularismos de uma área de conhecimento, embora deva sempre considerá-los axiologicamente. No entanto, seu caráter universal explicita a complexa rede do sistema do conhecimento, ao qual um conhecimento específico deva pertencer e atender às normas objetivas dessa rede. Nesse sentido, a ética norteará um horizonte clarividente, marcado por preocupações relativas à totalidade da vida para o desenvolvimento de um determinado conhecimento¹⁴.

A quarta dimensão diz respeito à perspectiva teológica. Em uma Universidade Católica não pode faltar o desenvolvimento da teologia. Esta é a ciência da fé que elabora criticamente a sua reflexão, articulando a fé positiva com a história construída pelos seres humanos. Em seu método, toda produção teológica possui dois grandes momentos: *auditus fidei* e *intellectus fidei*. No primeiro, tem-se a

continuação nota 12

com os Papas Pio XII, João XXIII, Paulo VI e atualmente com João Paulo II. Ao nível teológico, o movimento *Nouvelle Théologie*, particularmente da escola de Saulchoir, na qual se destacaram M. D. Chenu, Y. Congar, H. De Lubac e J. Daniélou, foi o propulsor da formulação de uma teologia da história, articulada com a vertente protestante e capaz de acompanhar a reflexão filosófica contemporânea. Em seguida vieram as teologias transcendental de K. Rahner e H. U. von Balthasar, da experiência de E. Schillebeeckx e da práxis em suas vertentes política com J. B. Metz e libertadora com os teólogos da América Latina e de outras regiões empobrecidas. Essas vertentes apoiaram-se na teologia subjacente no Concílio Vaticano II (1962-1965), que consagrou a relevância da historicidade e a centralidade da antropologia na produção teológica. Assim, emergiram teologias comprometidas com a história, com os seres humanos em sua totalidade individual-social e com a perspectiva ecológica da vida.

⁽¹³⁾ FR n. 83

⁽¹⁴⁾ VE nn. 62-64

necessidade de escutar a fé, presente na Escritura e na Tradição teológica e eclesial, bem como nas interpelações atuais da história, especialmente, o clamor dos pobres pela justiça e pela vida. No segundo, a fé é organizada pela sua inteligência com o objetivo de que a verdade da fé seja autenticamente explicitada. Trata-se da racionalidade da fé, iluminada pela própria fé, resultado da abertura da fé à história, às interpelações dos seres humanos e de todos os outros seres, de modo que se manifeste teologicamente o sentido da vida em sua totalidade¹⁵.

A pesquisa na Universidade Católica deve demonstrar um profundo amor à Sabedoria, compreendida como a Verdade Suprema, presente em Deus que se personifica historicamente de diferentes maneiras e se torna um apelo à sua constante busca por parte dos seres humanos a fim de que se realizem em sua individualidade e em sua coletividade.

2. AS INTERPELAÇÕES DA REALIDADE

A vitalidade da pesquisa na Universidade Católica está inteiramente relacionada às interpelações da realidade, dado que a busca do conhecimento é decorrência do espírito especulativo marcado pela contemplação da história – construída por acontecimentos humanos situados no tempo e no espaço – e de sua abertura à transcendência característica do saber. Isso significa apontar os elementos interpelantes da história e aqueles subjacentes na própria epistemologia do conhecimento peculiar e universal. A sensibilidade requerida para essa tarefa aguça a percepção a quatro grandes campos, denotantes da urgência histórica que aponta o sentido existencial dos seres humanos: a cultura, a ordem político-econômica, a antropologia social e a ecologia.

A cultura é compreendida como o conjunto da produção do ser humano que denota a objetivação de sua subjetividade em consonância com o mundo ao seu redor. Ao exteriorizar suas potencialidades, confrontando-as com as manifestações mundanas e produzindo costumes, hábitos e valores formadores da consciência – incluindo o seu aspecto moral –, o ser humano realiza cultura. Esta

⁽¹⁵⁾ RH n. 19; DVe nn. 6-12

é o selo de um indivíduo, de um grupo, de uma nação, de um povo. Manifesta-se mediante a linguagem em sua estrutura formal de uma língua – fala – e também de gestos explicitadores de uma determinada mensagem comunicada, a ser recepcionada hermeneuticamente¹⁶. As linguagens verbal e simbólica expressam o significado de um significante, cuja condição é fruto de um processo de formação cultural emergente da busca de sentido do sujeito produtor de cultura. Mediante a cultura, os seres humanos buscam a realização do sentido existencial da vida¹⁷.

Em função da relevância da cultura na vida humana, ao desenvolver a pesquisa, a Universidade Católica não pode deixar de dar atenção às interpelações da cultura na realidade histórica, na qual está inserida. Isso impulsiona à compreensão do significado da cultura atual, nas suas formulações moderna e pós-moderna. Essa compreensão implica abordar o tema em sete características.

A primeira diz respeito à formulação do antropocentrismo e de sua crítica global. A emergência da Modernidade, em termos filosóficos, acompanhou o processo histórico iniciado já em meados século XI quando se apresentavam os primeiros grandes sintomas da crise do Feudalismo e de seus substratos teóricos. A descentralização europeia, através do mercantilismo no século XVI, foi acompanhada do pensamento filosófico atingindo o seu auge com o idealismo cartesiano¹⁸, com o empirismo filosófico e científico¹⁹, passando pelo

(16) Na realidade toda cultura é uma hermenêutica de sentido existencial, dado que em suas manifestações culturais, os seres humanos explicitam a sua cosmovisão e sua maneira de construir o(s) seu(s) mundo(s).

(17) GS nn. 52-55; RH n. 13; DP nn. 391-392.

(18) Esta corrente é representada por R. Descartes que, com o seu famoso *Cogito ergo sum*, explicitou o ato de pensar a partir da subjetividade humana como condição do existir. A dúvida era o elemento que permitia a formulação do pensamento dedutivo e a matemática passou a ser vista como a única ciência da possibilidade de certeza, porque explicitava o limite da dúvida.

(19) Esta corrente é filosoficamente representada por D. Hume que afirmava ser o conhecimento fruto da experiência. O conteúdo cognitivo está no objeto a ser conhecido, refletido no sujeito, ao elaborar sua formulação teórica acerca da experiência realizada. A nível científico destaca-se F. Bacon que tomou a base filosófica do empirismo para desenvolver o método científico moderno fundamentado em três grandes momentos: hipótese, observação, verificação. A ciência moderna superava assim a ciência pré-moderna, baseada na argumentação metafísica e teológica. Entrava-se na era da certeza empírica e científica.

iluminismo francês²⁰, pelo idealismo sintético²¹, pelo deísmo naturalista²², pelo romanticismo e pelo idealismo sistêmico²³, pelo materialismo econômico-político²⁴, pelo positivismo²⁵, pela emergência da psicanálise²⁶ e do niilismo filosófico²⁷. O antropocentrismo

(20) Os maiores representantes desta corrente foram Montesquieu e F. M. A. Voltaire. A razão era afirmada como a luz das nações, cujo exercício deveria ser realizado livremente. Foram criticadas as formulações religiosas apologéticas e metafísicas e afirmou-se a Razão como uma espécie de religião natural.

(21) Esta corrente é representada no pensamento de I. Kant, que sintetizou o idealismo cartesiano com o empirismo filosófico, afirmando a supremacia do sujeito no ato cognitivo. Distinguindo juízos *a priori* dos juízos *a posteriori*, o autor explicita que existe um conhecimento inato e um outro adquirido pelo contato do sujeito com o objeto. A síntese é realizada pelo sujeito humano.

(22) Esta corrente está muito presente no pensamento de B. Spinoza, o qual buscou equivalência entre razão e religião, explicitando uma visão assaz racional de Deus, proporcionante de uma teologia natural.

(23) Esta corrente está representada pelos alemães J. G. Fichte, W. J. Schelling e F. Hegel. Afirmavam a supremacia do método dialético conflitivo. Da afirmação provinha sempre uma negação. O confronto entre ambas manifestava negação da negação e, portanto, uma nova afirmação. Valorizou-se a Idéia como o Ser, construído do não-ser e do potencial a emergir um Novo Ser. Assim, a Idéia proporcionou a formulação de um Sistema que a afirmava em sua condição ontológica.

(24) K. Marx e F. Engels representam este pensamento. Usufruindo das intuições e das argumentações do idealismo sistêmico, esse dois filósofos materializam o pensamento, afirmando a dialética conflitiva da história através da categoria *luta de classes*, propagando a revolução social-comunista por meio da ditadura do proletariado e da conseqüente instauração de um reino de necessidades e de liberdade.

(25) O positivismo científico está presente no pensamento de A. Comte, que afirmava ter a humanidade passado por três estágios: o religioso, constituído das crenças humanas em seres sobrenaturais, que é já um estado arcaico, sem sentido e ultrapassado; o filosófico, marcado pela contemplação, pela elaboração de conceitos metafísicos e de argumentos plausíveis ao que fora idealizado. É um estágio também superado, porque não traz ao homem certezas exatas; positivo, fundamentado na experiência empírica e nas certezas oriundas da ciência moderna.

(26) Não seria possível esquecer a contribuição de S. Freud. Sua intuição era abordar a *psique* do indivíduo, chegar à sua profundidade marcada pelo florescimento do desejo, de suas intuições mais límpidas da constituição humana.

(27) Este pensamento está presente em F. Nietzsche, que abordou o tema da liberdade humana como elemento que rompe com as instituições, com as religiões modais e faz irromper o Super-homem, marcado pela sua profundidade humana.

caracteriza-se pela centralidade do homem moderno ao pensar o mundo, a si mesmo, a formação social, a cultura, a experiência religiosa e a historicidade do sujeito. O homem é visto como um ser de subjetividade, marcado pelo seu potencial de exercer a liberdade no tempo e no espaço, de produzir história, compreendida como campo dos acontecimentos humanos. Deste antropocentrismo emerge o cientismo, que proporciona ao homem a capacidade de manipular a natureza, de realizar experiência e, de obter, conseqüentemente novas descobertas. O homem é considerado não apenas em sua coletividade ou em seus relacionamentos sociais, mas também em sua individualidade, caracterizando-se como um sujeito de direitos, decisões e ações. No entanto, há uma crítica interna ao antropocentrismo, denotante da afirmação do homem em suas conquistas, mas propulsor de mudanças em relação à busca de uma totalidade que explicita o caminho amplo e complexo da realização humana. Essa busca está caracterizada pela noção de cosmos em sua condição holística, abarcando a integração e complementaridade entre as partes e o todo. Por isso, a cultura atual é chamada de moderna – por caracterizar-se antropocêntrica – e de pós-moderna – por caracterizar o cosmocentrismo, enquanto totalidade, presente na percepção evolutiva do pensamento²⁸.

A segunda refere-se ao tema da secularização. Esta categoria denota autonomia do imanente que dispensa uma legitimação e uma inteligibilidade abrangente do universo através do elemento religioso ou mítico e conduz a uma independência cognitiva e axiológica muito abrangente e de amplas repercussões concretas. Explicita ainda a fragmentação do universo relativamente homogêneo e orgânico de sentidos e valores, de símbolos e padrões. Isso significa que, contrariamente à razão pré-moderna – que afirmava a centralidade da religião na interpretação do mundo, do homem e de Deus –, a

⁽²⁸⁾ DSD nn. 255-256; A. TORRAINE, *Crítica da Modernidade*, Petrópolis, Vozes, 1994; F. ALBERONI, *Gênese. Como se criam os mitos, os valores e as instituições da civilização ocidental*, Rio de Janeiro, Rocco, 1991; J. F. LYOTARD, *O Pós-Moderno*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1993; D. HARVEY, *Condição Pós-Moderna*, São Paulo, Loyola, 1992.

secularização afirma a existência de várias instâncias de interpretação da totalidade à qual pertencem os seres humanos²⁹.

A terceira apresenta uma pluralidade de universos, caracterizada na epistemologia e na metodologia das diferentes instâncias que congregam os seres humanos. O pluralismo é consequência estrutural da autonomia de diversos universos, em processo de interação³⁰.

A quarta diz respeito à ideologia, compreendida em duas grandes vertentes: a absolutização de uma perspectiva parcial que pretende apresentar-se como explanação e legitimação universal; significa também a fundamentação cognitiva e axiológica necessária para que os diferentes universos se tornem inteligíveis e se estabeleçam a si mesmos. Não é possível que os seres humanos abdicuem da ideologia, já que ela em suas duas vertentes, manifesta a capacidade humana de explanar uma realidade e ainda que apresente determinadas distorções, não deixa de ser um canal de busca da verdade. A cultura atual é construída por ideologias sistêmicas que penetram as organizações sociais, suas instituições e a própria consciência do ser humano em sua individualidade³¹.

A quinta é referente à afirmação da ciência e da tecnologia, compreendidas moderna e pós-modernamente. Elas constituem o dado estrutural e caracterizante da cultura atual e contribuem para as suas transformações constantes. Afetam ainda o consciente individual e coletivo, com impacto direto sobre o cotidiano vital. A ciência moderna articula o espírito especulativo com a experiência empírica e possibilita o empreendimento de tecnologia como sua aplicação. Dessa maneira, o pesquisador especula para engrandecer a própria ciência, mas também proporciona a emergência da tecnologia em sua condição de aprimoramento técnico e de aplicação científica. Diferentes áreas apresentam especulações em torno da vida compreendida em sua totalidade, abrindo um enorme universo de probabilidades e de sistemas

(29) GS nn. 19-21; P. L. BERGER, *O Dossel Sagrado*, São Paulo, Paulinas, 1985.

(30) MED n. 4, 4-5; S. CONNOR, *Cultura pós-moderna*, São Paulo, Loyola, 1993.

(31) CA n. 4; DP n. 535

abertos à constante busca de novos enunciados, imprescindíveis à conceituação e compreensão da vida³².

A sexta explicita o significado da matemática como linguagem comum entre as diferentes ciências, afetando a mente dos indivíduos, especialmente através da natureza e da expressão abstrata simbólico-formal. As conseqüências dessa matematização são a redução da capacidade de compreensão pelas pessoas de linguagens simbólicas diferentes ou até mesmo de sua rejeição ou subestimação e a tendência a evitar conseqüências éticas de decisões humanas, que passam a ser tomadas apenas no nível matemático³³.

A sétima concerne à concepção de história. Superou-se a concepção cíclica e estática que marcou a cultura pré-moderna e foi apresentada uma visão dinâmica de história, marcada pela ação dos seres humanos em sua condição de sujeitos e pela afirmação da história em sua unidade fundamentada no tempo cronológico – passado, presente e futuro – e kairológico – oportuno – e no espaço, em que os seres estão situados e enraizados. Ocorre então, uma passagem do estaticismo ao dinamismo histórico, no qual os seres humanos são vistos como produtores da história³⁴.

⁽³²⁾ Por exemplo, no tema da criação do universo, o avanço da física e da biologia é profundamente notáveis. Para aprofundar o assunto: J. ARNOULD, *A Teologia depois de Darwin. Elementos para uma teologia da criação numa perspectiva evolucionista*, São Paulo, Loyola, 2001; ID, *Darwin, Teilhard de Chardin e Cia. A Igreja e a evolução*, São Paulo, Paulus, 1999; L.C. SUSIN (ed.), *Mysterium Creationis. Um olhar interdisciplinar sobre o Universo*, São Paulo, SOTER/Paulinas, 1999; S. HAWKING, *O Universo numa casca de noz*, São Paulo, Mandarim, 2001; F. SELVAGGI, *Filosofia del mondo. Cosmologia filosofia*, Roma, PUG, 1996.

⁽³³⁾ M. AZEVEDO, *Entroncamentos & entrecosques. Vivendo a fé em um mundo plural*, São Paulo, Loyola, 1991, pp. 106-108; D. E. BRODY & A. R. BRODY, *As sete maiores descobertas científicas da história*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

⁽³⁴⁾ P. TRIGO, *Creación e historia em el proceso de liberación*, Madrid, Paulinas, 1988; I. ELLACURÍA, "Historicidad de la salvación cristiana", *MysL I*, pp. 323-372; J. LE GOFF, *História e Memória*, Campinas, Unicamp, 1996; E. MORIN (ed.), *A religação dos saberes. O desafio do século XXI*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001, pp. 357-444.

O campo da ordem política e econômica possui também interpelações que caracterizam a pesquisa na Universidade Católica. Indubitavelmente, as mudanças ocorridas a partir de 1989, com a queda do muro de Berlim, simbolizando a crise do socialismo real e a emergência de um mundo politicamente globalizado, com o fortalecimento – não isento de críticas – do capitalismo neoliberal, trouxe à tona um reducionismo antropológico, intrínseco aos sistemas políticos, no qual o homem passou a ser visto como rede de relações sociais ou como objeto do mercado que se coloca como uma espécie de ídolo servido pelos seus devotos. No conceito socialista, a condição de sujeito histórico é dada ao homem somente em situação de decisão moral. No conceito capitalista, o homem, em seu trabalho, é submetido ao capital, que por sua vez, assume sistematicamente a primazia diante do trabalho. A economia de mercado favorece a sua centralidade e o consumismo desenfreado, denotante do predomínio de uma ética do interesse próprio, distante de favorecer o bem comum. Cria-se uma economia de favorecimento somente àqueles com possibilidade de entrada na lógica do mercado. Trata-se de uma economia excludente que faz emergir uma enorme camada de excluídos, potencialmente vítimas de morte prematura. A pobreza não é mais um problema localizado em algumas regiões do planeta, mas está constituída de caráter mundial. Acirra-se assim o abismo entre riqueza e pobreza, desenvolvendo uma profunda desigualdade social, política e econômica entre os povos. Constatam-se a miséria de homens, mulheres, crianças, adultos e anciãos, um grande fosso entre os países do Norte e os do Sul, A emergência do desemprego, do subemprego, da corrupção política e, conseqüentemente a perda do verdadeiro papel do Estado na condição de regulador da ordem de uma Nação e servidor do bem comum³⁵.

⁽³⁵⁾ LE nn. 11-14; CA nn. 22-29; R. KURZ, *O colapso da modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993; E. HOBBSBAWN. *Era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000; V. PAGLIA, *Storia dei poveri in Occidente. Indigenza e carità*, Milano, Rizzoli, 1994; H. ASSMANN & F. HINKELAMMERT, *A idolatria do mercado. Ensaio sobre economia e teologia*, Petrópolis, Vozes, 1989.

Não obstante esses problemas todos, não é possível menosprezar os esforços de diversas organizações cristãs e não-cristãs na construção de movimentos históricos, desencadeadores da realização da utopia de nova ordem econômica, política e social. Buscam-se meios alternativos de superar uma economia de mercado e construir uma economia com mercado, preocupada com o bem comum, com a justiça distributiva. Almeja-se uma política participativa, demonstrativa da justiça social e do serviço que expressa o império de uma ética comunitária³⁶.

Acolpada ao campo da ordem política e econômica está a antropologia social. Consta-se que a construção histórica de sistemas ditatoriais, totalitários e repressores deterioraram a dignidade humana e favoreceram a ideologia de segurança social que incutiu o medo na população de diferentes regiões do mundo. Os direitos humanos foram fortemente afetados. Não houve o devido respeito à dignidade da pessoa humana, de seus direitos fundamentais de expressão das potencialidades individuais. Mesmo com a superação dos referidos sistemas, constata-se, ainda, o império da força através de diferentes guerras civis e de guerras entre nações que assolam populações, devastando-as prematuramente³⁷.

Constata-se ainda a necessidade de se encontrar melhor maneira para que os seres humanos utilizem a liberdade em suas dimensões individual e coletiva. A liberdade é o resultado entre o desejo e a possibilidade, situado historicamente no conjunto da totalidade existencial da vida. Ao buscar exercer a liberdade, os seres humanos se defrontam com o complexo horizonte do sentido da vida. Na profundidade de sua existência, os seres humanos desejam a felicidade e, para isso, necessitam superar a angústia, o medo, as dores e implementar a alegria, a esperança, o ânimo que possibilita a atividade transformadora. Todo ser humano é vocacionado a viver integralmente

⁽³⁶⁾ CA nn. 35-37; MED n. 1, 7-23; DSD nn. 176-179; H. ASSMANN, *Crítica à lógica da exclusão. Ensaio sobre economia e teologia*, São Paulo, Paulus, 1994; C. BOFF & L. BOFF, *Da libertação. O teológico das libertações sócio-históricas*, Petrópolis, Vozes, 1985; G. GUTIÉRREZ, *A força histórica dos pobres*, Petrópolis, Vozes, 1984.

⁽³⁷⁾ SRS nn. 24-25; J. ALDUNATE (ed.), *Direitos humanos, direitos dos pobres*, Petrópolis, Vozes, 1991.

a sua existência, produzindo cultura, construindo relações sociais de respeito, de responsabilidade, de solidariedade e efetuando a justiça em todas as suas dimensões³⁸.

O último campo de interpelações que se pretende abordar é o da ecologia, compreendida como arte das relações dos seres vivos e não-vivos, formando um grande sistema relacional. Cabe ressaltar duas dimensões da ecologia: a ambiental e a sócio-humana. Os problemas relativos à ecologia ambiental estão ligados ao fato de o homem ver-se a si mesmo como centro do universo, passando a dominar tiranicamente os outros seres. Assim, utilizou-se de recursos científicos, técnicos e tecnológicos, os quais nem sempre serviram para cuidar da terra e de todos os seus seres. Problemas como a deterioração da camada de ozônio, o efeito estufa, a efervescência da poluição causada pelo desenfreado número de veículos presentes nas ruas e outros, denotam a falta de cuidado ecológico-ambiental e a necessidade de se descobrir uma nova maneira de relacionamento dos seres humanos com os outros, capaz de fazer emergir a vida. Na dimensão da ecologia sócio-humana, emergem outros problemas. Constata-se o crescimento demográfico, industrial e cidadão, acelerado e desequilibrado nas mais diferentes cidades, causando problemas como a falta de moradia para todos os indivíduos, o desemprego, o subemprego e a criação de meios de subsistência para a sobrevivência humana. Na realidade camponesa, a utilização de produtos químicos que nem sempre ajudam no efetivo cultivo da terra, efetua um processo de infertilidade e de não produtividade. Não há um autêntico processo educacional que traga à tona a consciência da integração entre todos os seres do planeta³⁹.

As interpelações da realidade explicitam a necessidade de que a pesquisa na Universidade Católica seja eficaz, escutando-as e se desenvolvendo de modo que mostre caminhos novos de vida. A pesquisa não pode ser aleatória às questões fundamentais da ciência e da vida humana em sua globalidade. Deve ser imbuída de consistência epistemológica e histórica. Por isso, não pode estar isenta de critérios que possibilitem pertinência e eficácia.

⁽³⁸⁾ LC nn. 71-96.

⁽³⁹⁾ SRS n. 26; DSD nn. 169-177.

3. CRITÉRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Os critérios são os elementos normativos para a realização de um ato, para a tomada de atitudes fundamentais e incisivas. Pelos critérios, tem-se a organização de uma determinada instituição, organismo e acontecimento. Eles dão consistência àquilo que haverá de ser realizado. Assim, os critérios em relação à pesquisa na Universidade Católica servirão para que o trabalho de investigação esteja em total consonância ao estatuto teórico desse tipo de Universidade, proporcionando base para a sua eficácia na condição ontológica.

Deve-se observar o critério dos elementos da antropologia teológica cristã. Essa área da teologia é assaz relevante e poderia constituir-se por si mesma no complexo teológico. Trata-se de estudar o ser humano à luz da teologia cristã, tendo o evento crístico como o fundamento básico para a compreensão do sentido existencial do homem⁴⁰.

Nesse critério, o homem é visto como Imagem e Semelhança de Deus. O primeiro termo indica o *devir* do homem em um estado de comunhão com Deus, que realiza, em sua historicidade todo o seu potencial e se mostra como um ser divinizado em sua totalidade humana. O segundo indica que, para atingir a futura condição, o homem deve realizar-se historicamente em um profundo dinamismo transformador e criativo em sua relação com a natureza que o cerca. Daí que esses termos afirmam a transcendência e a imanência humanas: o ser humano histórico e situado no tempo e no espaço, e o ser humano transhistórico, capaz de transparecer e ir além daquilo que é experimentável historicamente⁴¹.

⁽⁴⁰⁾ RH nn. 7-8; K. RAHNER, "Reflexiones fundamentales sobre antropología y protología en el marco de la teología", *MySal II*, pp. 454-468, cunhou o termo antropologia teológica, afirmando que sem antropologia não é possível produzir teologia. O objeto de estudo da teologia é Deus, compreendido tão somente através da experiência humana.

⁽⁴¹⁾ GS n. 12; L. F. LADARIA, "L'homme créé à l'image de Dieu", in B. SESBOÛE, ed., *Histoire des dogmes (II). L'homme et son salut*, Paris, Desclée, 1995, pp. 88-147; ID, *Antropologia teológica*, Roma, PIEMME – PUG, 1995, pp. 107-173; K. RAHNER, *Teologia e antropologia*, São Paulo, Paulinas, 1969.

Afirma-se o ser humano em sua integridade. Combate-se o dualismo que fez emergir uma bipolaridade antropológica, apontando para a existência de um mundo inferior e um mundo superior e a supremacia da alma sobre o corpo. Afirma-se a dualidade de integração, na qual a bipolaridade deixa de ser vertical para ser horizontal, sendo os pólos profundamente articulados entre si. Assim, o homem é constituído de corpo e de alma, mas ambos os elementos lhe pertencem, possuem relevâncias determinadas e juntos formam o mesmo ser humano, imanente e transcendente⁴².

O ser humano é também um ser de relação com outros seres humanos. Não consegue viver isolado dos outros, pois a sua personalidade é profundamente relacional. Como ser social, constrói estruturas políticas para propiciar o bem comum, sistemas econômicos para a sobrevivência da *Polis*, forma instituições que dão sentido à sua organização social. Produz ainda relações de amizade, de convívio, laços de solidariedade emanados diante das necessidades emergentes no cotidiano vital⁴³.

O homem é ainda um ser pessoal, marcado por sua individualidade relacional e imbuído de potencial de liberdade. Ele é então, um ser de decisão, de criatividade e de racionalidade organizativa que constituem o seu caráter e o seu ser. Em sua personalidade, o homem é singular, único e relacionável a outros homens e a outros seres⁴⁴.

A antropologia teológica cristã vê o homem também na perspectiva do cosmoцентризм. Ele faz parte do cosmos, integra-o e carrega consigo o caráter cósmico que o constitui. Essa pertença do homem ao cosmos, mostra-lhe a sua relação com os outros seres e o conseqüente compromisso com a vida deles e do todo cósmico ao qual pertence⁴⁵.

⁽⁴²⁾ Gs n. 14; A. GARCÍA RUBIO, *Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, São Paulo, Paulinas, 1989, pp. 258-293.

⁽⁴³⁾ GS nn. 24-26; J. LADRIÈRE, "La dimension chrétienne de la personne", *Nurs.* 2 (1971), pp. 1-19; D. SATTLER & T. SCHNEIDER, "Doutrina da criação", in T. SCHNEIDER (ed.), *Manual de Dogmática (I)*, Vozes, Petrópolis, 2000, pp. 202-204; L.F. LADARIA, *Antropologia Teológica*, pp. 162-165.

⁽⁴⁴⁾ GS nn. 16-17; CA n. 24; L.F. LADARIA, *Antropologia Teológica*, pp. 158-162.

⁽⁴⁵⁾ CA n. 31; L. BOFF, *Ecologia. Grito da Terra, grito dos pobres*, São Paulo, Ática, 1996; ID, *Princípio – Terra. A volta à Terra como Pátria comum*, São Paulo, Ática, 1995.

O segundo critério para o desenvolvimento da pesquisa na Universidade Católica é o eclesiológico. A Universidade Católica faz parte da Igreja e, por conseguinte, sua missão está agregada à missão da Igreja no mundo. A Igreja há de ser vista teologicamente em sua essência misterioso-salvífica. A Igreja é um mistério oriundo do mistério trinitário; um mistério de comunhão das Pessoas divinas e uma comunhão que há de ser vivida pela e na Igreja. A concretização da Igreja como mistério se dá na categoria Povo de Deus, peregrino na história, servidor do Reino, cuja missão de tornar presente o Reino de Deus na terra, se realiza na reunião de todo o gênero humano. Por isso, a Igreja não deve refutar o mundo, mas inserir-se nele, escutá-lo em suas aflições, angústias, alegrias e esperanças, para dizer-lhe uma palavra de fé, esperança e caridade, contribuir na historicidade do Reino de Deus, edificando a própria história em todas as suas potencialidades⁴⁶.

O terceiro critério diz respeito à epistemologia do conhecimento científico. Trata-se de ter atenção ao estatuto teórico da ciência, em seu intrinsecismo e em sua exterioridade. Torna-se necessário que haja um bom desenvolvimento do conhecimento específico. Suas regras, seus jogos epistemológicos, seu método devem realizar um empreendimento que engrandeça a ciência compreendida em sua peculiaridade e em sua universalidade. Nenhuma ciência pode subsistir por si mesma. Necessita-se construir a interdisciplinaridade, proveniente do diálogo científico, da busca de construir uma verdade científica que seja fruto da conjunção dos diferentes espíritos investigadores da ciência⁴⁷.

O quarto critério diz respeito à ética. Nenhuma ciência está isenta do seu *norman normans*, do seu normativo geral de regimentação. A ética norteia os desdobramentos epistemológicos e morais de uma ciência. Em um sentido amplo, a ética norteadora da ciência é o imperativo objetivo da vida compreendida em sua globalidade. Por isso, há se ater ao sentido ético em cada ciência para a construção de um ser humano autenticamente integral, constituído de sua totalidade que o identifica essencialmente. Além disso, a ética haverá de proporcionar

⁽⁴⁶⁾ LG nn. 1-17; GS n. 1; ExcE nn. 31-37

⁽⁴⁷⁾ ExcE nn. 17-20; J. LADRIÈRE, *A hodierna mentalidade científica e a fé cristã*, São Paulo, Paulinas, 1972, pp. 107-114.

elementos que possibilitem a construção de comportamentos morais no ato da elaboração das ciências e da correlação entre elas. Para isso, a primazia da vida é imprescindível na construção de uma ética científica que desperte a formação de uma consciência moral, capaz de discernir os verdadeiros rumos aos quais o conhecimento científico deve ser encaminhado⁴⁸.

O último critério é consoante à relação entre a fé com a razão. A Universidade Católica possui o dado da fé em seu bojo, mas se caracteriza como Universidade por desenvolver a razão subjetiva e instrumental. A perspectiva da fé e da razão deverá marcar a pesquisa em seu desenvolvimento científico. Nesse sentido, são imprescindíveis e relevantes as contribuições da filosofia e da teologia na elaboração da pesquisa em si e no aprofundamento e divulgação dos critérios que devem nortear a investigação nessa Instituição da Igreja. Uma servirá de hermenêutica da razão e a outra de hermenêutica da fé na construção de um saber científico globalizante, complexo e eficaz à construção de uma história marcada pelos sinais da utopia concernente ao próprio cristianismo⁴⁹.

Os critérios constituem fundamentos para a pesquisa na Universidade Católica. Assim sendo, como construir um processo de investigação que venha a ser autêntica contribuição da Universidade à sociedade na qual está inserida, ao ser humano em sua globalidade e ao planeta?

4. A PRÁTICA DA PESQUISA

No amparo das interpelações da realidade e dos critérios para a realização da pesquisa, urge apontar alguns aspectos práticos, denotantes da consolidação e do futuro a ser realizado em termos de investigação científica na Universidade Católica.

⁽⁴⁸⁾ GS n. 16; N. AGOSTINI, *Ética e evangelização. A dinâmica da alteridade na recriação da Moral*, Petrópolis, Vozes, 1993, pp 21-45; J. LADRIÈRE, *A hodierna mentalidade científica e a fé cristã*, pp. 43-67.

⁽⁴⁹⁾ DF, COD, pp. 808-809, FR n. 17; M. A. OLIVEIRA, *Diálogos entre razão e fé*, São Paulo, Paulinas, 2000.

Antes, porém, cabe ressaltar que a pesquisa não pode prescindir de duas dimensões do caráter especulativo: a busca da verdade suprema e a historicidade do conhecimento. Por um lado, a contemplação à complexidade do horizonte da verdade do objeto investigado e da realidade transcendental de toda a realidade que cerca o ser humano, é indubitavelmente elemento necessário a ser desenvolvido para a realização da pesquisa. O investigador não pode assumir uma verdade absolutizada em formas estabelecidas do conhecimento. Torna-se necessário que a sua consciência⁵⁰ conduza à busca da superação do conhecido e o abra ao *novum* do conhecimento como elemento demonstrativo da presença da verdade suprema no trabalho cognitivo e científico. Por outro lado, o conhecimento é histórico. A pesquisa deve atender às exigências da história, da realidade circunstancial, na qual a Universidade Católica está inserida. Torna-se relevante e necessário que o investigador seja capaz de escutar a história, de inserir-se em seu contexto, a fim de que o seu texto tenha uma eficácia direcionada e planejada. As forças que movimentam a história deverão, por sua vez, explicitar à Universidade e aos seus pesquisadores as suas necessidades e como conseqüência, as urgências da investigação⁵¹.

O primeiro campo de exposição a respeito da pesquisa na Universidade Católica, refere-se às contribuições da Biologia e seus derivados – biogenética, biomedicina e outros -, bem como das ciências médicas e da psicologia. Trata-se de compreender questões como a teoria do genoma, a revolução genética, clonagem, a complexidade do sistema nervoso, as novas terapias para combate de doenças anteriormente tidas como incuráveis, a análise das teorias psicológicas para melhor compreensão da psique humana, como forma de ajuda à integração social do indivíduo. A filosofia e a teologia poderão – ou até deverão – dar suas devidas contribuições, suscitando a perspectiva de uma nova educação, com uma nova linguagem, tendo em vista a contribuição para a construção da paz e da civilização do amor. Serão

⁽⁵⁰⁾ A consciência do investigador não é puramente individual. Sua inserção social torna-lhe consciente sempre em relação com os outros seres humanos. A relacionalidade antropológico-social do pesquisador dentro de um processo de conscientização, forma a sua consciência.

⁽⁵¹⁾ ExcE nn. 32-33.

elas, a via hermenêutica da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade das diferentes áreas científicas⁵².

O segundo campo diz respeito às novas descobertas científicas, especialmente no âmbito dos diferentes ramos da química, da física, da engenharia, da informática e da comunicação, e sua conseqüente criação de tecnologias. A natureza da ciência é fundamentalmente humanística. Ela deve servir às necessidades da individualidade e da sociabilidade da existência humana. Por isso, as novas descobertas não de ser concernentes aos problemas urgentes da vida. Sua aplicação tecnológica deve visar à globalidade da dignidade dos seres humanos e do mundo em que habita. Não deve estar distante desse campo, uma ética de humanização da ciência e da tecnologia, de visualização do horizonte do bem comum dos seres humanos e do mundo em que habita. Indubitavelmente, há de se buscar o zelo e o cuidado ecológico, abarcando uma visão totalizante do planeta e do universo, de modo que o desenvolvimento da inteligência humana dê consistência à concepção antropoteológica que o ser humano é criatura criadora, Imagem e Semelhança de Deus⁵³.

O terceiro campo diz respeito ao âmbito das ciências sociais, da política e da economia. A pesquisa nessas áreas deve buscar compreender a sociedade em sua política governamental e em seu sentido amplo de busca do bem comum, detectando a ação dos diferentes movimentos institucionais na sociedade. Compreender-se-á as relações micronacionais, as guerras locais, a violência urbana, a deterioração da vida campesina, as ideologias de manipulação da opinião pública – especialmente aquelas presentes nos meios de comunicação social –, o processo de globalização atual e as diferentes alternativas – particularmente aquelas provenientes das camadas populares – capazes de elevar a dignidade humana, a qualidade de vida e o bem comum de toda a humanidade. Desenvolver-se-á a teoria de uma economia anti-sacrificialista, com mercado – e não exclusivamente de mercado – autenticamente humana, verdadeiramente justa, capaz de proporcionar – em consonância com os instrumentos políticos – a paz⁵⁴.

⁽⁵²⁾ HV nn. 1-7; PP n. 42; Evi nn. 96-98.

⁽⁵³⁾ PP nn. 76-79; SRS n. 34.

⁽⁵⁴⁾ PP nn. 43-64; SRS nn. 37-45; CA nn. 46-52; MED nn. 2, 17-18; DSD nn. 194-197.

O quarto campo é o da memória e da criatividade das culturas. Trata-se de recuperar o autêntico papel da história em sua condição de ciência, de resgatar o sentido antropológico da cultura entendida em sua pluralidade, dado que cada povo produz cultura. Dar-se-á atenção especial às culturas marginalizadas – do negro, do índio, dos pobres em geral -, valorizando as diferentes expressões artísticas e resgatando o papel da música, da poesia, da arte em geral. A pesquisa deverá explicitar a dimensão lúdica do ser humano, a sua capacidade de criar e de superar os mimetismos sistêmicos tolhedores da liberdade humana⁵⁵.

O quinto campo refere-se ao universo religioso. Considerar-se-á a realidade plural das religiões, a relevância da compreensão de cada uma das formas da experiência religiosa e da experiência individual do ser humano, a necessidade do diálogo do cristianismo com as religiões não cristãs, a compreensão da unicidade e da universalidade salvífica, o ecumenismo – unidade das Igrejas cristãs – e sua relevância na missão da Igreja de reunir todo o gênero humano. Para isso, utilizar-se-á da teologia, da filosofia, da psicologia, da antropologia, da história, da sociologia e de todo conhecimento científico consoante a essa realidade⁵⁶.

CONCLUSÃO

Ao final deste texto, urge suscitar algumas conclusões que não pretendem esgotar o assunto, mas sintetizar a presente exposição buscando demonstrar a abertura de novas possibilidades para a pesquisa na Universidade Católica.

Em primeiro lugar, para ser verdadeira e autêntica Universidade, a Universidade Católica deve pesquisar, tendo sensibilidade para as circunstâncias históricas e desenvolvendo um profundo amor à Sabedoria, capaz de explicitar a verdade suprema. Para ser católica, a Universidade deve utilizar-se de seus critérios específicos, cujo escopo não é opor-se à pesquisa em seu sentido

⁽⁵⁵⁾ EN n. 20; MED n. 7, 17; DSD nn. 228-283.

⁽⁵⁶⁾ LG n. 50; DI nn. 13-22.

amplo, mas estar em consonância com os critérios gerais do saber universitário.

Em segundo lugar, por ser católica, a Universidade Católica deve assimilar a missão da Igreja no mundo atual, sentindo suas angústias, dores, alegrias e esperanças e implementar essa missão na Universidade, especialmente no campo da pesquisa, tendo por finalidade um bom desenvolvimento do ensino e da extensão, formando seres humanos íntegros, competentes e grandes colaboradores à construção de sociedades justas, fraternas e solidárias.

Em terceiro lugar, há de se ter atenção constante às interpelações da realidade e à contemplação que impulsiona o ser humano ao ato de especular, pesquisar, conhecer com a finalidade de aproximar-se da verdade suprema. Essa atitude bipolar não contém em si o confronto excludente e, conseqüentemente a escolha de um pólo e a exclusão de outro. Ambos são dialógicos, complementares e necessários ao desenvolvimento da investigação científica.

Em quarto lugar, a Universidade Católica deve buscar a realização da interdisciplinaridade. O diálogo das disciplinas entre si, a complementaridade entre elas constitui uma necessidade imprescindível para a construção de um conhecimento científico útil, necessário e plausível à própria epistemologia.

Em quinto lugar, a identidade católica da Universidade obriga-a a realizar o diálogo entre fé e razão. Terminou o período em que ambas se defendiam uma da outra, refutavam o diálogo e buscavam sua respectiva autonomia, sem projeto de conjunção. Desenvolve-se atualmente, o momento da proximidade, do diálogo, da interação, sendo que, cada uma cumpre a sua função em consonância com a outra. A razão possibilita a construção de caminhos racionais de compreensão da fé, que por sua vez, ilumina a razão, proporciona-lhe efetuar o seu papel com maestria.

Enfim, a pesquisa na Universidade Católica é relevante e imprescindível para a realização do escopo dessa Universidade. Não se refuta a investigação, mas a incentiva e se procurará mostrar cada vez mais a sua importância no desenvolvimento do ensino e da extensão. Assim, a Universidade Católica poderá não apenas cumprir o seu papel em sua dimensão interna, mas poderá também contribuir na construção

de estruturas sociais justas, de culturas comunitárias, de relações humanas de solidariedade, de seres humanos novos, transcendentes, de um mundo de paz.

ABREVIÇÕES

AAS: Acta Apostolicae Sedis

COD: Conciliorum Oecumenicorum Decreta, Bologna, Dehoniane, 1995

DF: Constituição Dogmática *Dei Filius* do Concílio Vaticano I

DI: Declaração *Dominus Iesus* da Congregação para a Doutrina da Fé

DP: Documento de Puebla, III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em Puebla, México em 1979.

DSD: Documento de Santo Domingo, IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em Santo Domingo, República Dominicana, em 1992.

Dve: *Dominum Veritatis*, Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé

EE: Enchiridion delle Encicliche, Bologna, Dehoniane

Evi: Carta encíclica *Evangelium Vitae* de João Paulo II

ExcE: Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* de João Paulo II

FR: Carta encíclica *Fides et Ratio* de João Paulo II

GS: Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II

HV: Carta *Humanae Vitae* de Paulo VI

LC: Instrução *Libertatis Conscientia* da Congregação para a Doutrina da Fé

LE: Carta encíclica *Laborem Exercens* de João Paulo II

LG: Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II

MED: Documento de Medellín, II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada, em Medellín, na Colômbia, em 1968

MySal: *Mysterium Salutis*. Manual de Teología como historia de la salvación (I-V), Madrid, Cristiandad, 1971

MysL: *Mysterium Liberationis*. Conceptos Fundamentales de la teología de la liberación (I-II), Madrid, Trotta, 1990

Nurs.: Revista Nursing, de Bruxelas, Bélgica

PP: Carta encíclica *Populorum Progressio* de Paulo VI

RH: Carta encíclica *Redemptor Hominis* de João Paulo II

SRS: Carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* de João Paulo II

Syl.: Syllabus da Carta encíclica *Quanta Cura* de PIO IX

VE: Carta encíclica *Veritatis Esplendor* de João Paulo II

O Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Professor de Teologia Sistemática e Antropologia Teológica na FTCR da PUC-Campinas, Professor convidado do programa de Pós-Graduação do Centro Universitário Assunção de São Paulo, SP e Diretor do Centro de Ciências Humanas da PUC-Campinas. e-mail: ftcr@puc-campinas.edu.br